



ENTRE COLUNAS

BIBLIOTECA DIGITAL
DE PESQUISAS MAÇÔNICAS



A MAÇONARIA OPERATIVA

Márson Alquati

A MAÇONARIA OPERATIVA

© 2019 by Márson Alquati.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Autorizo a reprodução e divulgação total e/ou parcial deste trabalho por qualquer meio convencional ou eletrônico para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

FICHA CATALOGRÁFICA

G002a3

Alquati, Márson, 1972 –

A Maçonaria Operativa / Márson Alquati – 2019. – Nova Roma do Sul, RS – Entre Colunas: Biblioteca Digital de Pesquisas Maçônicas: História da Maçonaria/Origens da Maçonaria.

25 páginas.

1. Maçonaria. 2. Maçonaria Operativa. 3. História Medieval. 4. Origens da Maçonaria. 5. Sociedades Secretas. 7. Corporações de Ofícios.

G002a3

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Como citar este documento:

ALQUATI, Márson. *A Maçonaria Operativa* In: História da Maçonaria: Origens da Maçonaria. Nova Roma do Sul, RS: Entre Colunas Biblioteca Digital de Pesquisas Maçônicas, 2019. Disponível em: <https://marsonalquati.wixsite.com/entrecolunas>. Acessado em: __/__/____.

Acesse outros trabalhos do autor:

<https://marsonalquati.wixsite.com/entrecolunas>

SUMÁRIO

I – A MAÇONARIA OPERATIVA.....	04
II – AS CORPORAÇÕES DE OFÍCIO.....	06
III – O OFÍCIO DE PEDREIRO-LIVRE.....	09
IV – A MAÇONARIA NA INGLATERRA.....	12
V – FREEMASONS X ROUGHMASONS.....	16
VI – AS MAJESTOSAS CATEDRAIS MEDIEVAIS.....	18
VII – O DECLÍNIO DA MAÇONARIA OPERATIVA.....	22
VIII – BIBLIOGRAFIA.....	25



ENTRE COLUNAS

BIBLIOTECA DIGITAL
DE PESQUISAS MAÇÔNICAS



A MAÇONARIA OPERATIVA

Na Idade Média, a construção de catedrais eclodiu por toda a Europa, principalmente e mais fortemente na França. As Catedrais passam a ser um símbolo da força, do poder e da divindade de Cristo e por meio delas a Igreja passa a dominar pela palavra, pela via dos Dogmas. Exemplos desse esplendor são as Catedrais de Chartres e de Notre Dame. Nessas e em outras catedrais o simbolismo se repetia: eram a porta de entrada para encontrar a salvação em Cristo.

A MAÇONARIA OPERATIVA

A igreja assume na figura de Cristo o símbolo do mestre que ensina a todos. A disseminação da arte gótica que por um tempo colocava medo nas pessoas, passou a não mais colocar. Pois as catedrais góticas eram a porta para encontrar Cristo e este o caminho para se chegar a vida eterna.

As cidades eram fortalezas muradas com o centro na catedral, ao lado desta uma escola, fora dos muros vivia o homem do campo, dentro o bispo, os padres, os cavaleiros e os comerciantes. Sem esquecer que nos arredores dos muros viviam os mendigos e miseráveis que disputavam as sobras da cidade para sobreviverem, além de praticarem furtos sempre que podiam. O conhecimento partia da igreja, tendo o bispo como o responsável pelo estudo e disseminação deste.

Aqui cabe lembrar que o contato com a cultura árabe não se dava somente no oriente médio, pois como foi comentado na terceira aula, os árabes faziam incursões na península ibérica, mais precisamente na Espanha, e por diversos longos períodos dominaram esse território da Europa.

O trauma vivido pela sociedade europeia da época foi ainda maior quando descobriram que a Europa era apenas um pequeno pedaço do mundo. Além de não terem conseguido manter a possessão no oriente médio, com a perda de São João de Acre, em 1292 retorna à Europa, Marco Polo, descrevendo as maravilhas do extremo oriente, com passagens pela China, Pérsia e Indonésia, e encantando a todos com as suas aventuras.

Só após a incursão dos Cristãos no oriente e a vinda do conhecimento para o ocidente que começaram as grandes construções com pedras. Foi o florescimento da arte gótica.

Também foi o aparecimento dos arquitetos e que passaram a projetar as construções com grandes vãos livres, muitas janelas e vitrais.

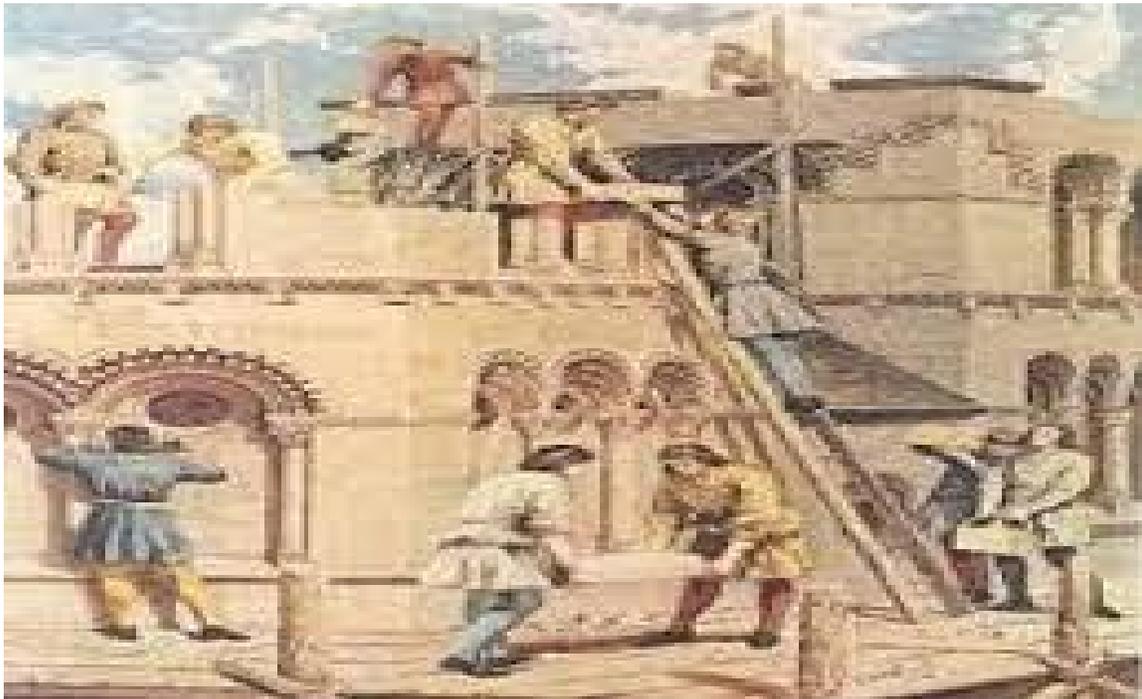
O uso do arco foi uma revolução, arte dominada por poucos e que permitia

naves com alturas de 40 a 60 metros.

O conhecimento, que proporcionou essa mudança de paradigmas na arte de construir, vem necessariamente do conhecimento da Geometria, que foi possível após a difusão dos estudos de Pitágoras.

O Templo era construído de porções retilíneas e porções circulares, construído com o Esquadro, o Prumo e o Compasso.

AS CORPORAÇÕES DE OFÍCIO



Uma das primeiras referências de corporações de ofício, um breve relato dos Collegia Fabrorum. Segundo o que se encontra em vários livros, foi um dos primeiros reis de Roma, o lendário Numa Pompílio, o fundador da primeira organização com o nome de Collegia Fabrorum. Eram instituições romanas foram de fundamental atuação nas grandes conquistas dos romanos, desde o ano 500 AC até aproximadamente 400 DC.

A MAÇONARIA OPERATIVA

Não existe nenhuma comprovação de que as Guildas pudessem ser sucessoras dos Collegia Fabrorum, pois estes foram se extinguindo logo após os anos 500 e as Guildas começaram a ter as primeiras referências nos anos 900.

É natural perceber que o homem sempre construiu, seja com madeira ou com pedra. A prova disso são as construções egípcias que remontam a milhares de anos antes de Cristo. E sempre que há uma aglomeração de trabalhadores também é natural que haja a formação de grupos de trabalhadores. Os que controlam esses grupos precisam instruí-los e treiná-los, isso faz com que os operários sejam separados por habilidades e competências.

Daí para surgir a necessidade de associação com o intuito de proteção da profissão e de ajuda mútua, como dos Dionisíacos e dos Collegia Fabrorum, é um passo instintivo e que já vem surgindo de muitos séculos antes da era cristã.

Voltando ao século X, foi nessa época que houve o surgimento das confrarias leigas. Os trabalhadores que não eram monges, foram adquirindo conhecimento e cada vez mais aumentado esta mão de obra, até que começaram a se organizar nas suas próprias confrarias.

Claro que sempre sob a forte influência religiosa.

Além dos Beneditinos, deve-se destacar a instituição em 1098 da ordem dos Cisters, que já foi comentada desde a primeira aula, por ter sido a Ordem Monástica que recebeu Bernardo de Claraval, que teve um papel protagonista em toda a existência dos Templários.

Os pedreiros se reuniam para aprenderem técnicas de cantaria, os carpinteiros a trabalhar cada vez melhor a madeira, os vidraceiros a comporem vitrais cada vez mais atraentes e assim por diante.

Desse ponto a começarem a surgir as Guildas por especialidades foi um pulo.

A MAÇONARIA OPERATIVA

As guildas tinham um forte apelo religioso e uma relação muito protetora na hora da morte de seus associados, tinham capelães para assistir os integrantes das guildas e seus familiares, orações pelos já falecidos, assistência aos enfermos e aos que passavam por dificuldades financeiras familiares.

Outro ponto interessante que caracterizava as guildas era a devoção a um determinado santo, ou seja, ter um santo padroeiro. Faziam associações de um santo com uma determinada atividade e o elegiam, então, como padroeiro da guilda, da profissão.

Dentro de uma guilda ninguém poderia desempenhar um ofício ao qual não estivesse ligado e que não estivesse devidamente habilitado para tal, pois existiam níveis hierárquicos.

Primeiramente o candidato iniciava como Aprendiz, depois de certo tempo, conforme seu desempenho e habilidades demonstradas, passava a Oficial também chamado de Companheiro, por fim, para chegar ao grau de Mestre o companheiro devia sujeitar-se a um exame diante dos dirigentes da guilda.

1. Aprendiz – O período de aprendizado durava de 3 a 13 anos, dependendo do contrato que era feito, da profissão e também se o aprendiz começava o seu aprendizado com o próprio pai. Havia um contrato que assegurava certos direitos, tanto ao mestre como ao aprendiz. O aprendiz deveria fazer tudo isso que já foi mencionado e o mestre, basicamente, tinha que lhe dar comida, abrigo, calefação e ensinar o ofício ao aprendiz.

2. Companheiro – após terminado, então, o período de aprendizado o trabalhador se tornava um companheiro e, entre outras coisas, passava agora a receber salário. O companheiro era contratado e recebia salário pago por um mestre e assim ficava dentro de um período médio de 3 anos. Os companheiros quando se sentiam desprotegidos ou em situações de abuso por parte dos mestres, como

A MAÇONARIA OPERATIVA

ganância destes e baixa remuneração, faziam greve. Os companheiros eram muito unidos, não só para se sustentarem e se cuidarem mutuamente, mas também na punição: quem não aderisse aos acordos feitos entre eles era odiado, maltratado e expulso.

3. Mestre – não era fácil para um companheiro tornar-se mestre. Pois na maioria dos casos era necessário pagar para tornar-se um. A maneira mais fácil para um companheiro ascender a mestre era por herança ou casando-se com a viúva de um mestre. O mestre era como um micro ou pequeno empresário dos dias de hoje, produzia e vendia diretamente o que produzia. Tinha seus aprendizes e pagava salários aos companheiros que empregava.

4. Jurados – Os jurados fiscalizavam os mestres, a produção das oficinas, o cumprimento dos regulamentos, a qualidade, a relação dos mestres com os aprendizes e companheiros, assim como presidiam os contratos e solenidades destes.

O OFÍCIO DE PEDREIRO-LIVRE



A MAÇONARIA OPERATIVA

Nicola Aslan¹ afirma que durante os quinhentos anos compreendidos entre os Séculos V e X, as incursões bárbaras devastaram e assolaram a Inglaterra, assim como o continente europeu, não deixando, literalmente, pedra sobre pedra.

Desaparecendo a civilização romana, estabeleceu-se o que se convencionou chamar de “reinado da madeira”, visto ter sido este o único material utilizado nas construções de todo aquele período. O pedreiro tinha sido substituído pelo carpinteiro.

Ao término daquela época de regressão e perturbações constantes, a arte da construção em pedra estava completamente esquecida. Não se sabia mais onde se encontravam as boas pedreiras; ninguém mais conhecia a arte de bem talhar uma pedra; e não havia mais operários que entendessem nem mesmo dos rudimentos da escultura e da edificação.

Entretanto, a partir do séc. X, os homens voltaram a se preocupar com obras de alvenaria e, sendo a Idade Média, a idade da fé, com a construção de igrejas e mosteiros. Por isso, os primeiros operários da construção dessa nova fase formaram-se sob a direção do clero regular e secular, único depositário da cultura e da arte, naqueles tempos bárbaros.

Ainda segundo Aslan, os arquitetos que se dedicaram a esta arte tão antiga e de novo incipiente, em geral eclesiásticos, enfrentaram problemas dos mais complexos, que procuraram solucionar com métodos próprios e a experiência que lentamente iam adquirindo. Abobadando os prédios, resolveram o grande problema dos incêndios que continuamente destruíam os edifícios religiosos. Dos seus esforços conjugados surgiu, finalmente, a arquitetura românica ou eclesiástica. E procurando não comprometer a solidez do edifício, ao praticarem aberturas nas paredes, os mestres de obra buscaram encontrar uma solução ao problema

¹ ASLAN (1997, p. 83-85).

A MAÇONARIA OPERATIVA

da iluminação da nave, evitando ao mesmo tempo o excesso de luminárias provocadoras de incêndios. Como consequência desta nova técnica, surgia, em princípios do séc. XII, a arte ogival ou gótica, cujas principais características eram a preponderância dos vazios sobre os cheios, o impulso em altura ou verticalidade, as rosáceas, os vitrais e as abóbadas em ogivas.

Na estatuária, durante os séculos X e XI, quando a arte da escultura ainda engatinhava, as estátuas apresentavam-se rígidas e toscas. Tinham, segundo a expressão de Michelet, “*o aspecto sofrido como a vida, sendo feias como a morte*”. Porém, à medida que a arte evoluía e se aperfeiçoava, as formas tornavam-se cada vez mais puras e delicadas. Aos poucos, as estátuas foram readquirindo vida e beleza, “*perdendo a rigidez da morte para ganhar o esplendor da vida*”. As artes ligadas à construção expandiram-se e vicejaram nas catedrais medievais.

O talhador de pedra, o “*freemason*”², o maçom operativo, ao mesmo tempo talentoso artista e modesto artífice, ao deixar naquelas modestas catedrais espalhadas pela Europa a sua arte, a sua marca, a sua alma e seu pensamento, transformava aqueles esplêndidos monumentos de arte medieval em verdadeiros “livros de pedra”, como foram sutilmente denominados por Victor Hugo.

O Rei Athelstan, primeiro rei de toda a Inglaterra, que unificou toda a Inglaterra e expulsou os vikings do território inglês, protagonizou a “Lenda de York”, a partir da qual passou a ser considerado o pai da maçonaria inglesa, conforme menciona o “Poema Regius”, descoberto no século XIX por James Halliwell, na Inglaterra. O poema apresenta 794 linhas em rima, que conta a lenda de que a Arte Maçônica tem origem no Egito, aprendida por Euclides até chegar ao Rei Athelstan (1º Rei da Inglaterra, que subiu ao trono em 926 d.C.), trazida para a

² “*Freemason*”: expressão do inglês, cuja tradução literal significa “Pedreiro-livre” (Nota do Autor).

Inglaterra por Santo Albano.

Já John Locke discorda. O pai do iluminismo inglês e do empirismo, encontrou, transcreveu e comentou um antigo manuscrito com uma interessante teoria da origem da maçonaria na Inglaterra. O filósofo inglês menciona que Pitágoras, vivendo na Grécia Magna (região que hoje é a Itália), teria supostamente viajado para a Inglaterra e fundado as primeiras lojas maçônicas, o que obviamente não possui nenhuma comprovação histórica.

A MAÇONARIA NA INGLATERRA



Independentemente de como a Maçonaria chegou ao solo inglês, na Inglaterra, os reis da dinastia normanda, todos grandes construtores, deram o maior impulso à arte da edificação. E nos primeiros vinte anos que se seguiram à conquista da Inglaterra (1066-1086), erigiram-se naquele país quase 5.000 igrejas.

A MAÇONARIA OPERATIVA

Especializados na talha da “pedra franca”, ou “*freestone*”, pedra calcária importada de Caen, na Normandia, e que se prestava admiravelmente ao delicado trabalho da escultura, os talhadores de pedra foram muito solicitados. A esta pedra, a “*freestone*”, é que eles devem a origem do seu nome: “*freestone mason*”, que por abreviatura, tornou-se “*freemason*” (pedreiro-livre) no inglês e, posteriormente, por tradução, “*franc-maçõ*” em francês.

As Lojas, alpendres cobertos de palha ou de telhas, permitiam que os talhadores de pedra continuassem com o seu labor mesmo durante o mau tempo. Destinadas ao trabalho, às refeições, ao descanso e também às discussões sobre os problemas da profissão, nelas não se podia passar a noite.

O Aprendiz fazia um aprendizado de sete anos antes de se tornar Companheiro, ou seja, um trabalhador qualificado, mestre em seu ofício, que podia contratar pedreiros a fim de realizarem, sob a sua direção, trabalhos de profissão. Também chamados “Mestres Maçons”, os mestres da obra eram os arquitetos encarregados da construção de um edifício de grandes proporções; os que solucionavam todos os problemas técnicos à medida que surgiam. A eles devemos os maravilhosos monumentos arquitetônicos medievais.

Todavia, ao lado da corporação profissional, existia a “Confraria”. Colocada sob a invocação de um santo, ela tratava da parte social, que consistia, geralmente, de procissões solenes, missas, preces, visto que a religião dominava por inteiro a vida social durante a Idade Média, encarregando-se também das beneficências e dos banquetes comemorativos. Mais tarde, a “Confraria” desempenharia um papel da maior transcendência na evolução e na transformação histórica da Maçonaria.

Seguindo pela mesma linha de pensamento o historiador Márcio Antônio Silva

A MAÇONARIA OPERATIVA

Pontes³, alega que, portanto, a origem da Maçonaria Operativa localiza-se nas remotas corporações de ofício dos pedreiros da Idade Média do final do século XIV. Segundo o mencionado autor, naquela época, não havia escolas capazes de ensinar as técnicas da construção em pedra, utilizadas principalmente para a construção das catedrais. Somente nas corporações, também chamadas “guildas”, aprendizes e mestres dividiam a ciência do talhe e se reuniam após o expediente para discutirem o andamento das obras e defenderem a sua profissão, como em um sindicato. Levavam às reuniões os instrumentos de trabalho utilizados na composição dos projetos arquitetônicos – como o esquadro e o compasso que se tornariam os símbolos da ordem -, ou na atividade braçal – avental, régua, malho e cinzel. Assim surgia a “Maçonaria Operativa”, mais intimamente preocupada com coisas práticas e restritas ao ofício.

Outra vertente de historiadores e pesquisadores afirma que a Maçonaria Operativa teve a sua origem a partir do século XII, quando a categoria dos “*freemasons*”, maçons operativos, começou a se organizar de fato. Com esta coesão, os pedreiros especialistas desligaram-se dos seus senhores e as confrarias, a partir do século XIII, tornaram-se bem mais evidentes.

Eis algumas delas:

1220 – Corporações de Pedreiros de Londres;

1356 – Companhia dos Maçons de Londres;

1364 – Companhias a *Libré* (espécie de organização sindical primitiva que exigia a associação de todos os operários que exercessem o ofício em Londres).

O pesquisador e historiador João Guilherme⁴ sintetiza esse momento da História:

³ PONTES (2010, p.11).

⁴ GUILHERME (2015, p.61).

A MAÇONARIA OPERATIVA

A maior parte da Europa medieval era rural e o feudo sua expressão prática, uma sociedade baseada em relações de fidelidade entre lordes, vassallos, camponeses e artífices. Os artífices de diversos ofícios eram presos ao feudo, porque eram praticamente parte do acervo ativo do senhor da terra. Eles não tinham permissão para viajar: nasceu lavrador, iria morrer lavrador; nasceu sapateiro, iria morrer sapateiro.

Mas os pedreiros-livres, os criadores dos monumentos mais visíveis que a Idade Média nos legou, eram exceção a essa regra. Pela própria natureza do seu ofício, acabada a obra, era natural que migrassem para onde houvesse possibilidade de voltar a trabalhar. Então, de suas necessidades nasceu um sistema que lhes permitia, ao viajar, serem reconhecidos como tal. Portanto, mesmo analfabetos, os pedreiros-livres aprendiam não apenas dentro de sua oficina, mas também ao conhecer novos lugares e neles, novas técnicas, sabendo-se amparados de alguma forma, mesmo quando viajavam.

Mais ainda, o sistema que criaram organizava a construção, pagava a cada obreiro de acordo com sua capacitação e permitia que eles fossem reconhecidos como tal em outros lugares. Assim nasceram os toques manuais indicativos de sua condição profissional. Esses toques diriam, ao potencial empregador, se o candidato ao emprego ainda era aprendiz, se “journeyman” (diarista, isto é, o pedreiro que completou seu aprendizado, que poderia trabalhar por empreitada, mas ainda não era um mestre) ou mestre do ofício. No fechado ambiente medieval, os mestres tinham tanto prestígio que eram considerados homens livres.

Sobre os maçons ingleses, Mac-Roy⁵ é taxativo quando diz que:

Não se pode fixar a época exata da introdução da Maçonaria na Inglaterra ou Bretanha. Todas as histórias são consentâneas de que sua introdução se iniciou

⁵ MAC-ROY (in: LINHARES, 1997, p.80).

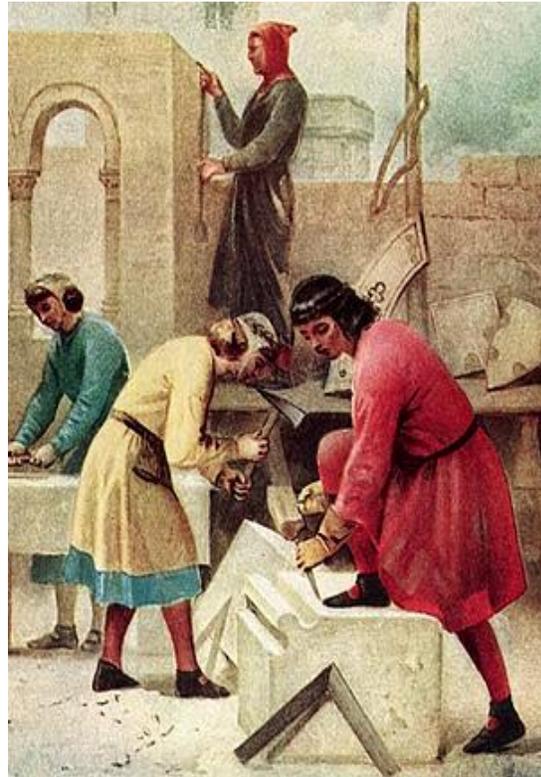
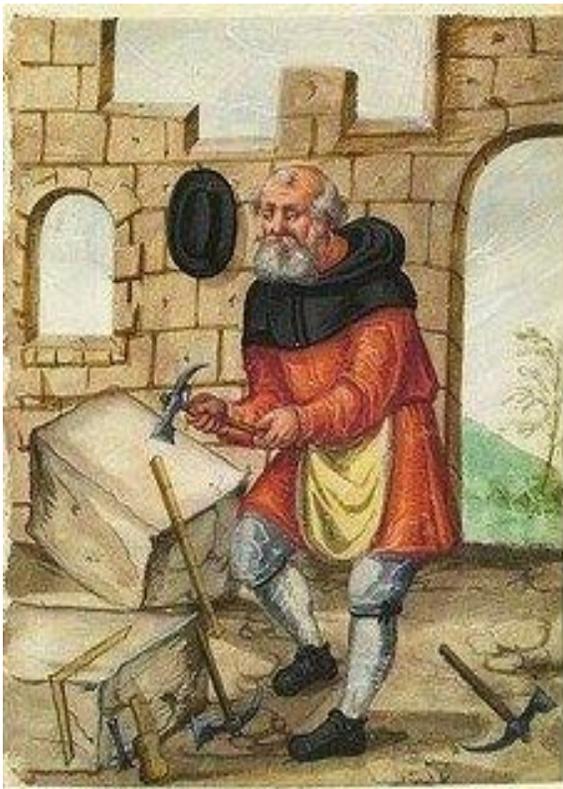
A MAÇONARIA OPERATIVA

na primeira parte do século III e foi levada ali por numerosos grupos de artesãos trabalhadores que peregrinavam por todos os lugares do país onde poderiam necessitar de seus serviços.

Já a primeira organização de Maçons, como corpo especial, ocorreu no ano trezentos, sob a proteção do Imperador Carausio, que concedeu muitos privilégios aos Maçons, lhes dando uma Constituição, e nomeou Albano, distinto general romano, Grão-Mestre da Ordem.

Sob os auspícios de Carausio, trabalhou o Grão-Mestre com zelo pela prosperidade da Fraternidade, celebrando as reuniões anuais, concluindo os seus Estatutos, revisando os Rituais da Ordem e procurando, para os Irmãos, empregos e aumento de salários.

FREE MASONS X ROUGHMASONS



A MAÇONARIA OPERATIVA

Há uma forte tendência, quase de consenso geral, de que os “freemasons” ou “pedreiros-livres” passaram a ser assim chamados por volta do ano 1350, quando a expressão passou a ser utilizada para distinguir os pedreiros que trabalhavam a pedra ornamental dos trabalhadores rudes – os “roughmasons” ou escavadores ingleses, que somente as extraíam das pedreiras em sua forma bruta. E também como uma forma de Independência desses maçons operativos em relação aos membros de outras corporações de ofício, como uma espécie de “autonomia sindical”, haja vista que os “freemasons” mantinham privilégios especiais inerentes aos construtores de catedrais, como o apoio e a proteção da Igreja Católica; a isenção no cumprimento dos estatutos e dos éditos locais; a concessão das “franquias” ou dos “salvo-condutos”, que eram autorizações especiais para poderem ultrapassar livremente as fronteiras entre os reinos e países, sempre que desejassem, tanto em períodos de paz como nos de guerra.

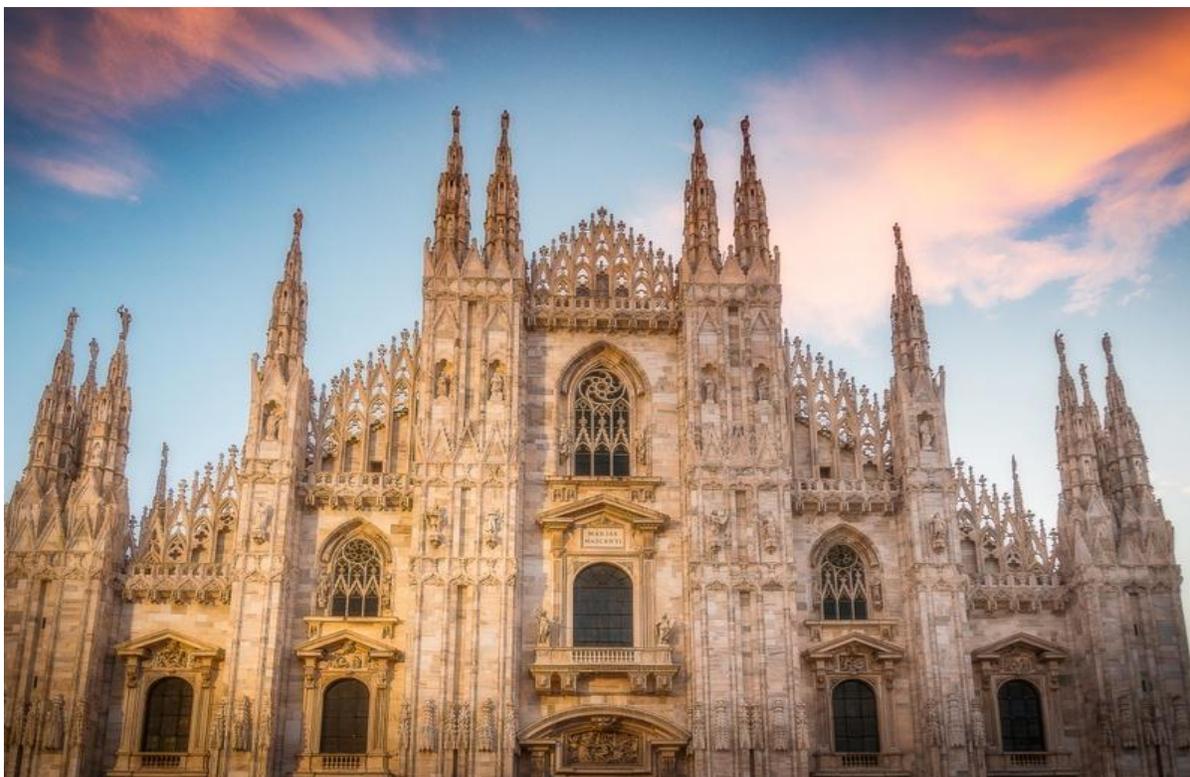
Ainda sobre o período conhecido como “Maçonaria Operativa”, o historiador Paul Naudon⁶ esclarece que:

A Franco-Maçonaria de ofício nunca foi puramente operativa. Às finalidades profissionais, acrescentavam-se preocupações especulativas. A principal era de ordem religiosa. A primeira solidariedade, entre oficiais do mesmo ofício, foi uma solidariedade de culto. Assim, como entre os antigos, cada “collegia” tinha seu Deus, de modo que a partir do Cristianismo, cada ofício tinha o seu santo padroeiro; e a sede da confraria era geralmente uma igreja ou uma capela.

Da mesma forma, não existia, entre os maçons operativos, nem anticlericalismo e nem racionalismo de qualquer espécie. O maçom medieval era religioso e a maioria professava o catolicismo, como, aliás, todo mundo, já que era uma obrigação naqueles tempos.

⁶ NAUDON (1968, Capa).

AS MAJESTOSAS CATEDRAIS MEDIEVAIS



Retrocedendo um pouco, a fim de traçarmos uma linha temporal da Maçonaria Operativa, no século VI, em Bizâncio, foi que as confrarias de artesãos encontraram a sua primeira grande oportunidade para expressarem o seu gênio artístico. A *“Catedral de Santa Sofia”* foi erguida entre 532 e 537. Ali se formou uma linguagem artística em que, pela primeira vez, predominavam símbolos na arquitetura e decoração de um templo cristão.

Em 557, o Papa Gregório I enviou para a Inglaterra 40 monges beneditinos, chefiados por Frei Agostinho, com a missão de converter os anglo-saxões que dominavam aquele país. Frei Agostinho foi um célebre arquiteto, tendo sido o construtor da basílica de pedra de Canterbury, tornando-se o seu primeiro arcebispo. Segundo alguns historiadores, frei Agostinho foi o segundo Grão-Mestre da Confraria dos Maçons da Inglaterra, de 577 d.C. até sua morte.

A MAÇONARIA OPERATIVA

Em 614, o papa Bonifácio IV outorgou aos maçons regalias e monopólios que os liberavam de todos os estatutos locais, éditos reais, ou qualquer outra obrigação imposta pelos países aonde fossem viver e trabalhar⁷.

Em 627, a basílica de pedra de Santo Agostinho deu origem à famosa “*Catedral de Canterbury*”. Para tanto, foi preciso trazer pedreiros e vidraceiros do continente, de cidades como York, em 627; e de Winchester, em 635.

Em 876, na cidade alemã de Magdeburg, foram iniciadas grandes construções. As “Abadias Carolíngias” da Alemanha foram sementeiras de construtores e estabeleceram uma ponte cultural entre o Oriente e o Ocidente, o que muito contribuiu para a evolução da Maçonaria Operativa da época.

E no ano de 926 d.C. subiu ao trono da Inglaterra, o rei Athelstan, que não só amava a Maçonaria, como incentivava os maçons a trabalharem pela grandeza da Ordem. Athelstan se fez Iniciar na Ordem, concedendo importantes facilidades aos labores dos seus novos Irmãos. O seu filho Edwin, após passar por todas as etapas da Iniciação Maçônica, tornou-se geômetra e mestre de obras, sendo eleito Grão-Mestre quando foi fundada a primeira Loja em York. Na Assembleia, realizada em 926, quando foram trazidos e apresentados todos os anais e documentos existentes sobre a Ordem, em grego, em latim, em francês e em outros idiomas, foram instituídos os Regulamentos e Ordenações daquela Loja. Na condição de Grão-Mestre, Edwin ainda escolheu três símbolos, como elementos básicos da Ordem: um Esquadro em ouro; um Compasso de prata, com pontas de ouro; e uma Trolha de prata⁸. Esses símbolos ainda são usados na Maçonaria contemporânea, embora os materiais de que são compostos sejam bem mais simples atualmente.

⁷ COLINON (1954, p.17).

⁸ LINHARES (1997, p.82).

A MAÇONARIA OPERATIVA

E então começou o período áureo da “Maçonaria Operativa” com a construção das grandes catedrais europeias. O período máximo da construção de monumentos e catedrais estende-se de 1050 a 1350 d.C. Na França, foram edificadas 80 catedrais, 500 grandes igrejas e algumas dezenas de milhares de igrejinhas paroquiais. Na Inglaterra, foram construídas cerca de 5.000 igrejas, mosteiros, catedrais e abadias. Apenas durante o reinado de Henrique II (1154-1189) foram erigidas na Inglaterra 157 abadias, priorados e igrejas. Foi também neste período que surgiu a arquitetura gótica, que sucedeu a românica.

Com efeito, desde 1176 d.C. houve grande atividade construtora na Inglaterra. Em Londres, naquele ano tiveram início os trabalhos para a construção da “Ponte de Londres” por certa “sociedade de pedreiros”, a mesma que, em 1221 d.C. assumiria as obras de construção da “Abadia de Westminster”.

Numa bela citação, o historiador francês Maurice Vieux⁹, resume este período:

Durante três séculos, os mestres-de-obras maçons irão lançar, em direção aos Céus, a imensa súplica materializada pelos campanários das magníficas catedrais.

Por tudo isso, hoje em dia ninguém mais discorda que todas as grandes catedrais da Europa tenham sido erigidas por companhias e/ou guildas itinerantes de maçons operativos, sob a direção de uma organização sistemática, zelosa dos seus segredos, fraternal e de assistência mútua entre os seus membros.

Desde o século XII com a consolidação das guildas, começam a surgir as associações de artesões, onde conforme o interesse das cidades e o objetivo delas, tinham mais ou menos privilégios. Aí é que aparecem os Ofícios Francos ou a Franco-maçonaria, com um privilégio bem particular: o de ter a liberdade de

⁹ VIEUX (1975, p.08).

A MAÇONARIA OPERATIVA

locomoção.

Em 1180 d.C. o Rei Henrique I, da Inglaterra, concedeu às Confrarias novos privilégios, por julgar que eram merecedoras de tais favores, sendo seguido por outros soberanos europeus como Felipe-Augusto, Luís VIII e Felipe III.

Nas construções maiores o Mestre, que era o Mestre-Maçom, não se envolvia em situações menores, pois ele era o arquiteto, o superintendente, o responsável pela construção e era tratado de forma diferenciada, era comum que recebesse casa e suprimentos pessoais. Ele que resolvia os problemas nas edificações que necessitavam de um entendido com capacidade de solucionar.

O Mestre tinha sua moradia junto a obra e estabelecia a Loja de onde comandava os companheiros, aprendizes e todos os artesões que formavam uma pequena população em torno da construção. Mantinham o juramento de jamais revelar o que ouvia ou se fazia na Loja em que havia trabalhado, devia sempre manter os segredos dos companheiros maçons.

Era sua obrigação caso visse um companheiro desempenhado mau o seu labor, ajudá-lo prontamente, afim de que a obra não fosse posta em perigo. E, da mesma forma, deveria ajudar a outro companheiro caso encontrasse algum em desgraça ou em estado de miséria.

O Aprendiz-Maçom iniciava seu aprendizado como qualquer aprendiz, de qualquer outro ofício, e esse começo claro era como um talhador de pedra.

Pouco se sabe sobre como era o dia a dia dos aprendizes nas construções, porque há pouca referência sobre eles nos registros das construções.

A especialização dos pedreiros, os Maçons. Chegou num ponto, então, que houve a necessidade de se criar regras e estatutos para regulamentar as relações de trabalho, dando obrigações e direitos, tanto aos contratantes como aos contratados.

A MAÇONARIA OPERATIVA

E em 1356 emergia uma Guilda chamada Companhia dos Maçons de Londres, considerada uma das ancestrais diretas da Franco-Maçonaria.

Depois de devidamente autorizada e registrada, os associados passaram a ter direitos e vantagens que chamou a atenção de muitos: Trânsito Livre, Liberdade de Reunião e a Isenção de Impostos.

Muito provavelmente esses direitos chamaram a atenção de não pedreiros que tiveram o desejo de participar dessa associação e tempos mais tarde culminar com a maçonaria especulativa.

O DECLÍNIO DA MAÇONARIA OPERATIVA



Entretanto, com a Reforma Protestante de um lado e a Renascença do outro, pôs-se um ponto final à construção das majestosas catedrais góticas e das monumentais abadias. Mais simples e menos dispendioso, o estilo renascentista substituiria, vantajosamente, o complicado estilo ogival. E desta forma, a gloriosa Corporação dos Talhadores de Pedra acabou perdendo os seus melhores clientes e os seus privilégios, entrando em franca decadência.

A MAÇONARIA OPERATIVA

Thiago Werneck Gonçalves¹⁰ confirma que, com o advento dos séculos XVI-XVII, quando o florescimento do antropocentrismo, a expansão comercial e o surgimento do Renascimento desestruturaram o universo medieval, a Maçonaria também se modificou. As construções de catedrais chegavam ao seu final e os maçons ocuparam-se, preferencialmente, com a construção de edifícios profanos.

Resumindo pode-se dizer sobre o declínio das guildas é que diversos fatores combinados contribuíram para que isso acontecesse.

As Guildas surgiram diante de uma necessidade, o qual pode-se dizer que foi a proteção do trabalho especializado, que teve um ciclo grande, de pelo menos 700 anos. E todo ciclo um dia chega ao fim, com a evolução da sociedade, dos meios de se fazer e produzir as coisas, novas técnicas e novas ideias foram surgindo.

Houve também os fatores culturais e religiosos. Os castelos já não eram mais tão necessários, com o advento da pólvora não adiantava mais se proteger atrás de grandes muros, pois esses passaram a ser facilmente derrubados com as bombas atiradas dos canhões. As construções de grandes igrejas também entraram em declínio, pois com a Reforma da igreja mudou o cenário religioso da Europa e do mundo.

E, por fim, uma revolução sepultou de vez as Guildas: a Revolução Industrial.

Tudo isso, aliado ao surgimento das primeiras Universidades de Arquitetura e a divulgação pública dos conhecimentos da arte da construção igualmente contribuíram para que uma drástica mudança ocorresse nas antigas confrarias de pedreiros-livres operativas, passando as mesmas a aceitarem entre os seus membros, profissionais de outras profissões, alheios à arte da construção, dando origem ao que conhecemos atualmente por Maçonaria Especulativa.

¹⁰ GONÇALVES (2012, p.31).

A MAÇONARIA OPERATIVA

E foi assim que, nas palavras de Nicola Aslan¹¹:

[...] numa tentativa de resistência à inevitável ruína que desde fins do séc. XVI consumia as Lojas Operativas, a Confraria abriu as suas portas aos Maçons Aceitos, que ingressaram na fraternidade como protetores, honorários ou especulativos. Estes novos membros fortaleciam os quadros da Confraria e mantinham, ao mesmo tempo, a sua caixa de socorros. Em certa época, que pode ser situada em fins do século XVI, estas confrarias abriram as portas a outras categorias profissionais vinculadas à construção e, posteriormente, também a estrangeiros. Estes “maçons aceitos”, como foram denominados, tendo ficado em maioria, em vista da decadência do ofício de talhador de pedra, motivado pela evolução da arte de edificação, o surgimento das primeiras faculdades de arquitetura, e os adventos da Revolução Francesa e da Renascença, a fim de evitar o completo desaparecimento de uma organização patrocinada pelos talhadores para a prestação de serviços sociais e de socorros mútuos, resolveram transformar a fraternidade, emprestando-lhe o cunho, o aspecto e a organização que ainda ostenta na atualidade, embora sejam conservadas muitas das suas características medievais.



Acesse outros trabalhos do autor:

<https://marsonalquati.wixsite.com/entrecolunas>

¹¹ ASLAN (1997, p. 115).

BIBLIOGRAFIA

ARNAUT, António. ***Introdução à Maçonaria***. Edição revista e aumentada. Coimbra, Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017.

ASLAN, Nicola. ***Uma Radioscopia da Maçonaria – Para Candidatos e Cunhadas***. 1ª ed. Londrina/PR: A Trolha, 1997.

COLINON, M. ***L’Eglise em Face de Le Franc-Maçonnerie***. Paris, França: Ed. Fayard, 1954.

GONÇALVES, Thiago Werneck. ***Periodismo Maçônico e Cultura Política na Corte Imperial Brasileira (1871-1874)***. Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense/Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, 2012.

GUILHERME, João. ***O Nosso Lado da Escada***. 2ª Edição. Rio de Janeiro, RJ: COP Editora, 2015.

LEADBEATER, C. W. ***Pequena História da Maçonaria***. São Paulo, SP: Pensamento, 1968.

LINHARES, Marcelo. ***História da Maçonaria: Primitiva, Operativa e Especulativa***. 2ª Edição. Londrina, PR: A Trolha, 1997.

NAUDON, Paul. ***A Maçonaria***. Coleção “Saber Atual” Difusão Europeia do Livro, 1968.

PONTES, Márcio Antonio Silva. ***O Contributo da Maçonaria Para a Abolição da Escravatura***. Rio de Janeiro, RJ: PUC, 2010

VIEUX, Maurice. ***Les Secrets Batisseurs***. Paris, França: Editions Robert Laffont, 1975